

O Padre Comblin e a sua Teologia política

Priest Comblin and his Political theology

Marcelo Barros¹

Resumo

O presente trabalho objetiva refletir sobre algumas obras do saudoso padre Comblin, tendo como ponto de partida "*Le Christ dans l'Apocalypse*" (O Cristo no Apocalipse), fruto da sua tese de doutorado realizado nos anos 50, mas, só escrita para publicação em 1965. Podemos perceber a partir da leitura desse livro um Comblin que já apresentava uma sensibilidade social e que já nos faz descobrir o teólogo da libertação que ele seria (e foi) no Brasil.

Palavras-chave: José Comblin. Missão. Teologia da Enxada.

Abstract

The present text aims to reflect on some works of the late priest Comblin, taking as a starting point "*Le Christ dans l'Apocalypse*" (the Christ in Revelation), fruit of his PhD thesis performed in 50 years, but just writing for publication in 1965. We can see from reading this book one already presented a Comblin social sensitivity and makes us discover the liberation theologian he would be (and was) in Brazil.

Keywords: José Comblin. Mission. Theology of Hoe.

¹ Monge beneditino, escritor e teólogo brasileiro. Em 1969 foi ordenado padre por Dom Helder Câmara e, durante quase dez anos, de 1967 a 1976, trabalhou como secretário e assessor de Dom Helder para assuntos ecumênicos. É um dos três latino-americanos membros da Comissão Teológica da Associação Ecumênica dos Teólogos do Terceiro Mundo (ASETT), que reúne teólogos da América Latina, África, Ásia e ainda minorias negras e indígenas da América do Norte.

1 Introdução

Eduardo [Hoornaert], meu irmão e mestre (professor em todo meu curso de Teologia) nos apresentou um dos primeiros livros do padre Comblin: “*Le Christ dans l’Apocalypse*” e nos mostrou, como já nesse livro de 1965, se descortinam as grandes linhas da teologia e da intuição do Padre Comblin, como a exegese bíblica a partir do método histórico-crítico, a relação entre

crítica e filosofia e a questão das metáforas do Comblin que dão título à apresentação do Eduardo. Gostaria de continuar a nossa conversa a partir do mesmo livro do Comblin, mediado pelas reflexões com as quais Eduardo nos presenteou e, agora, me propondo a aprofundar com vocês algumas intuições sobre a dimensão político-revolucionária da teologia do Comblin.

2 Retomando alguns elementos já mostrados por Eduardo

Ele (Eduardo) nos mostrou como nesse livro que sintetiza a tese de doutorado que Comblin fez em Louvain nos anos 50, já aparece o teólogo da libertação, como diz Eduardo, “ainda na concha”. De fato, eu li esse livro do Comblin ainda nos meus primeiros anos de monge em Olinda e agora reli. Concordo totalmente com Eduardo:

- a) Comblin insiste nas metáforas do Cristo (imagens abertas, palavras que nos transportam de um a outro sentido);
- b) Eduardo sublinha que Comblin sempre fala em O Cristo e, não apenas em Cristo. Na teologia posterior, autores como Panikkar (2008) vão mostrar que o Cristo é maior ou mais amplo do que Jesus. Jesus é plenamente o Cristo, mas quando falamos no

Cristo, estamos nos referindo a uma realidade ou missão que vai além de Jesus;

- c) Nesse livro, Comblin dedica várias páginas (mais de 30 – da página 132 a 167) a revelar o Cristo como *testemunha* – assim, Comblin, abre duas dimensões fundamentais da Cristologia Latino-americana:

- 1) A primeira é a importância do Jesus histórico, do testemunho dado na Galileia e no caminho para a Cruz;
- 2) A segunda é a consequência do testemunho de Jesus e dessas metáforas do Apocalipse para a inserção política transformadora e,

podemos mesmo dizer, revolucionária.

De fato, Eduardo tem razão: como mudaria não somente o nosso Credo, mas mesmo a forma de viver a fé, se, no Credo de Nicéia ou no chamado símbolo apostólico, depois de falar que Jesus nasceu de Maria, não se passasse imediatamente a dizer que morreu sob Pôncio Pilatos! E na vida histórica dele o mais importante foi como disse Eduardo: "*testificavit injustitia*

mundi" (testemunhou a injustiça do mundo). Ao dedicar em seu livro tantas páginas a falar do Cristo como testemunha, Comblin abre esse caminho que depois foi aprofundado por Leonardo Boff, Jon Sobriño e tantos outros e outras.

Como diz Eduardo, o padre Comblin mostra já nesse livro uma sensibilidade social que já nos faz descobrir presente o teólogo da libertação que ele será no Brasil.

3 A dimensão sócio-política da leitura que Comblin faz do Apocalipse

Nesse livro, Comblin (1965) mostra que o livro do Apocalipse trata não apenas do futuro escatológico como faziam os outros apocalipses judaicos do seu tempo, mas de uma escatologia realizada, isso é, de sinais do julgamento de Deus já acontecendo aqui e agora.

O fato do Apocalipse se basear totalmente nos textos do Antigo Testamento também é sintomático: Comblin mostra como a maior parte dos textos do AT citados no Apocalipse são do Êxodo e dos profetas. "A cristologia do Apocalipse é feita principalmente a partir de todos os oráculos messiânicos principais do Antigo Testamento" (COMBLIN, 1965, p. 2-4). Ora, foram esses textos exatamente os mais citados e mais aprofundados nos primeiros tempos da Teologia da Libertação.

Comblin revela que uma dimensão fundamental do Apocalipse é o messianismo. E o messianismo é mais importante no Apocalipse do que foi no Antigo Testamento. Ora, o messianismo é um termo que na nossa história recente tomou um sentido meio de quase fanatismo a-histórico, mas na tradição bíblica, significa exatamente essa dimensão da esperança radical e transformadora da libertação que começa por ser social e política porque é coletiva e concreta.

Nesse sentido, diz Comblin (1965, p. 90), "o Apocalipse é um livro enviado aos cristãos que contém a profecia a ser proferida pelos novos profetas". Que profecia é essa? O Apocalipse diz, e Comblin sublinha isso, que se trata do "julgamento das nações" (Ap. 14-20). Hoje, a tradução correta desse termo

seria “o julgamento de todo tipo de imperialismo”. É essa a linha não apenas de teólogos e exegetas latino-americanos como de comentaristas de outros continentes (MESTERS; OROFINO, 2008; HOWARD-BROOK; GWYTHYR, 2003; KRAYBILL, 2009). É assim que Comblin interpreta a figura do Filho do Homem no Apocalipse (COMBLIN, 1965, p. 73-74) e principalmente o tema do Reino e realeza de Deus.

“O tema dominante no Apocalipse é a realeza de Deus vinda a esse mundo

e se afirmando sobre toda a criação” (COMBLIN, 1965, p. 168). Ele se manifesta através do Espírito que gera a profecia e faz com que, mesmo no meio do mundo atual, as pessoas que são de Deus já pertençam ao Reino de Deus e não mais ao império do mundo. Ali, embora latentes, já se encontram os grandes temas de toda a teologia política do Comblin e do caminho da teologia latino-americana.

4 Etapas da teologia política de Comblin

Penso que, sob o ponto de vista sócio-político, a reflexão teológica de Comblin teve três etapas principais.

- a) Na década de 70 [1970] e começo dos anos 80 [1980], a reflexão do Comblin era uma reação e propunha uma resistência revolucionária às ditaduras latino-americanas.
- b) A partir dos meados da década de 80, o Comblin mais maduro aprofunda uma Teologia nova e que, em si mesma, seja libertadora e geradora de uma humanidade nova.
- c) Finalmente, a partir do final dos anos 90 e começo desse século, o Comblin se dedicará mais à formação das lideranças de base, a uma

crítica mais profunda à instituição eclesial e a uma inserção na realidade dos pobres e da vida cotidiana.

Eu teria a tendência de comparar com os três grandes momentos da Bíblia judaica: em um primeiro tempo, o Êxodo; em um segundo tempo, a atuação dos profetas; e finalmente, em terceiro tempo, a Sabedoria, no sentido da experiência cotidiana.

Vamos tentar lembrar esses três momentos fortes da teologia do Comblin.

4.1 Resistência revolucionária as ditaduras latino-americanas

Na segunda metade dos anos 60 [1960], Comblin viveu e aprofundou sua crítica ao Imperialismo que ele já mostrava presente em seu livro *O Cristo*

no *Apocalipse* (1965). Ainda no final dos anos 60, escreveu *Théologie de La Révolution* (1970), uma obra imensa em dois volumes. No primeiro volume, ele abordava as teorias das revoluções, e quem até hoje ler esse livro, fica impressionado com a quantidade e a qualidade de informações de que Comblin dispunha, o conhecimento que ele tinha sobre isso. Já no segundo volume, igualmente enorme, ele trata as práticas das revoluções históricas até então no mundo.

Em 1968, antes que falasse em Teologia da Libertação, antes de Gustavo [Gutierrez] e de Leonardo [Boff], o padre Comblin escreveu, a pedido de Dom Helder, um texto que deveria servir como subsídio para as discussões dos bispos brasileiros em preparação a Conferência episcopal de Medellín. Esse texto era politicamente muito forte, denunciava claramente a ditadura militar brasileira e propunha resistência e oposição da Igreja.

Apesar de que o texto tinha sido escrito para ser um subsídio interno e até reservado a poucas mãos, ele foi descoberto pela imprensa e caiu nas mãos da repressão. Parece que foi a gota d'água que provocou a expulsão do Padre Comblin do Brasil. Quando ele voltava de uma de suas viagens, não o deixaram entrar no país e ele ficou fora do Brasil nove ou dez anos. Na América Latina, ele ficou entre o Equador e o Chile. E foi um dos principais assessores de Dom Leônidas Proaño, em Riobamba.

Nessa fase, Comblin escreveu ainda (1977), "O poder militar na América Latina" (a ideologia da segurança nacional). No entanto, eu gostaria de frisar que a teologia do Comblin não se expressava somente nos seus escritos, mas, principalmente, nas realizações concretas que ele inspirava e animava. Era uma teologia vivida na pastoral e na inserção. Um homem formado nas universidades da Europa, com mestrado e doutorado, um teólogo que pode ser comparado com os grandes teólogos europeus da época (Congar, Chenu, Rahner etc), aqui no Nordeste inspirou a Teologia da Enxada, uma forma de formar lavradores e pessoas simples a ligar teologia e vida, uma espécie de "universidade popular" que queria formar missionários/as lavradores. Dessa experiência, surgiu a intuição das missões populares que se espalharam por todo o Nordeste, resgatando as antigas missões populares, mas com um espírito novo de Igreja comunidade e leitura bíblica libertadora (COMBLIN, 1977).

4.2 Teologia libertadora e geradora de uma humanidade nova

Nos anos 80, as ditaduras latino-americanas se acabam, mas nossos países continuam sob a ditadura econômica do Capitalismo selvagem e Comblin percebe que a Igreja Católica era conduzida por um caminho que tentava frear a renovação e esvaziar as

propostas do Concílio Vaticano II. Por isso, seus escritos se tornam mais proféticos em relação à Igreja e à própria produção teológica.

Em 1985, um ano depois da queda da ditadura no Brasil, ele escreveu um livro comparando três modelos de teologia: a da libertação, a neoconservadora então muito forte e a liberal. Depois, o Sínodo Romano de 1985 propunha uma teologia da reconciliação e Comblin reagiu escrevendo um livro sobre isso (COMBLIN, 1985).

Naquele tempo, já sob muita pressão e censura, os teólogos da libertação resolveram fazer a coleção "Teologia e Libertação", uma tentativa de fazer uma enciclopédia de vários assuntos, todos abordados a partir da visão libertadora.

Nessa coleção que ficou inacabada, Comblin escreveu três livros: "A Antropologia Cristã" (1985), "O Espírito Santo e a Libertação" (1987) e já quando a coleção estava parada, ele publicou ainda nessa coleção: "O neoliberalismo, ideologia dominante na virada do século" (2000). Era a época da perseguição aberta a teólogos da libertação. Comblin sofreu censuras, proibições de bispos locais a que ele pudesse falar aqui e ali, mas não sofreu diretamente perseguição na Cúria Romana (Eduardo já comentou esse assunto e nos disse o porquê).

4.3 Crítica à instituição eclesial e inserção na realidade dos pobres e da vida cotidiana

Nos últimos anos de vida, o padre Comblin quis escrever mais para as bases e, principalmente, quis ele mesmo viver mais a experiência de base. Estava preocupado por achar que a Igreja ainda vivia muito a missão voltada para a cultura rural quando o Brasil tinha se tornado de repente um país urbano. Escreveu dois livros sobre esse desafio: a missão da Igreja nas cidades (1998 e 2002). Certa ocasião, numa Páscoa que foi passar comigo no mosteiro de Goiás, disse-me que se sentia muito feliz porque o povo de Bayeux, onde ele morava na Paraíba, lhe via como "padre José", um simples padre do interior. No último ano de sua vida, foi viver com os pobres na Barra, BA, e fazer parte da equipe pastoral de Dom Luis Cappio.

Seus últimos livros "Vocação para a Liberdade" (1998), "O povo de Deus" (2002), e "A profecia na Igreja" (2008) são, de todos os seus livros, alguns dos mais acessíveis a qualquer leitor(a). Em todos eles, transparece a proposta de uma Igreja nova e inserida no meio do povo e em função do Reino de Deus que vem transformar todas as estruturas desse mundo. Para mim, sua última intuição e que aprendi dele foi sua adesão ao bolivarianismo venezuelano e sua abertura e simpatia para os processos políticos novos que estão

emergentes em vários países da América do Sul, como Bolívia e Equador.

Ele me dizia que, assim como ainda nos anos 60, Dom Hélder propunha aos teólogos cristãos um diálogo sério e fecundo com o Marxismo, atualmente, é importante viver a

inserção e o diálogo no processo bolivariano. Comblin estava de acordo com o professor Boaventura de Sousa Santos, quando afirma: “A América Latina tem sido o continente onde o socialismo de século XXI entrou na agenda política” (SANTOS, 2010, p.42).

5 Considerações finais

Comblin completava dizendo que era um Socialismo de tipo novo, democrático e inspirado no Bem-viver indígena. Ele, Comblin, via nesse processo três elementos fundamentais que devemos apoiar. Primeiro, a resistência e luta contra os colonialismos e imperialismos ainda dominantes. Segundo, o esforço sério de integração latino-americana em uma grande pátria única, mesmo com a autonomia de cada país e povo. E terceiro, a radicalização da democracia com formas de democracia direta e popular e a construção de um socialismo real, a partir da reforma agrária e das reformas estruturais da sociedade.

Fomos duas vezes juntos a Caracas, e uma vez eu e ele como observadores internacionais das eleições

presidenciais da Venezuela. No Fórum Mundial de Caracas, em 2006, foi ele que me incentivou a aceitar o convite para apresentar o presidente Chávez no ginásio de Esportes Poliedro para a multidão de 25 mil pessoas de movimentos populares do mundo todo. Eu queria que ele escrevesse um livro sobre Teologia da Libertação e Bolivarianismo. Ele me respondeu: “Essa tarefa agora é sua”. Escreva e eu leio e digo o que penso. Escrevi sobre Espiritualidade libertadora e Bolivarianismo. Ele leu e me disse que gostou. Mas, fica para nós essa interpelação do Comblin: precisamos hoje reencontrar caminhos de uma teologia popular ou inserida que seja pluralista e libertadora.

Referências

COMBLIN, J. *Le Christ dans l'Apocalypse*. Tournai: Ed. Desclée & Cie, 1965. v. VI.

_____. *Le pouvoir militaire em América Latine* (L'ideologie de La sureté national), Paris: Ed. Jean Pierre Dalerge, 1977.

_____. **Teologia da Enxada, uma experiência de Igreja no Nordeste.** Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. **Theologie de La Revolution.** Paris: Universitaires, 1970. v. 2.

_____. **Teologia da Libertação, Teologia neoconservadora e Teologia liberal.** Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. **Teologia da reconciliação, Ideologia ou reforço da libertação?** Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. **Vocação para a Liberdade.** São Paulo: Paulus, 1998.

_____. **Cristãos rumo ao século XXI.** São Paulo: Paulus: 1998.

_____. **Os desafios da cidade no século XXI.** São Paulo: Paulus: 2002.

_____. **O Povo de Deus.** São Paulo: Paulus, 2002.

_____. **A profecia na Igreja.** São Paulo: Paulus, 2008.

HOWARD-BROOK, W.; GWYTHYR, A. **Desmascarando o Imperialismo:** interpretação do Apocalipse ontem e hoje. São Paulo: Paulinas, 2003.

KRAYBILL, J. N. **Culto e comércio imperiais no Apocalipse de João.** São Paulo: Paulinas, 2009.

MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. **Apocalipse de João:** coragem e alegria. São Paulo: Paulus, 2008.

PANIKKAR, Raimon. **Il Cristo sconosciuto dell'induismo, Verso una cristofania ecumênica.** Milano: Ed. Jaka Book, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A esquerda tem o poder político, mas a direita continua com o poder econômico. *In: Caros amigos.* Mar. 2010.

Trabalho recebido em: 04/09/2014.
Aceito para publicação em: 02/02/2015.